

NOSSOS MESTRES

Treinador de basquete do polo do Centro de Iniciação Desportiva (CID) de Taguatinga foi jogador da Seleção de Brasília e tem no currículo a formação de mais de 1,5 mil atletas no DF



Marcelo Ferreira/GB/D.A.Press

» MARIANA NIEDERAUER

Professor e treinador de basquete com mais 1,5 mil atletas formados em quase 25 anos de carreira apenas no magistério, Márcio Júnior, 49 anos, ou Márcio Cabecinha, como é conhecido, tornou-se referência no esporte para os estudantes da rede pública de ensino em Taguatinga e levou o nome da cidade e de seus pupilos ao reconhecimento nacional e internacional. O diálogo permanente com os jovens para que enxerguem possibilidades além da realidade em que vivem, muitas vezes limitadas por contextos de vulnerabilidade, são motivo do orgulho que o professor não se cansa de externar.

Márcio começou a trajetória nos esportes seguindo a paixão nacional: o futebol. A altura

acima da média, no entanto, chamou a atenção do professor Valtinho, que o convidou para jogar basquete. Ele aceitou o convite para participar de uma das aulas, mas achou que sua praia era mesmo o campo.

Pouco tempo depois, no entanto, uma exibição dos Harlem Globetrotters mudou essa história. O time mais famoso do mundo, como é conhecido, faz exibições performáticas na quadra, usando até mesmo malabares. “Fui assistir a um filme e fiquei apaixonado”, conta. Decidiu, então, levar o basquete a sério e começou a treinar em 1987 no Centro de Iniciação Desportiva (CID), programa ligado à Secretaria de Educação do DF.

A trajetória que começou ali o levou à prática profissional, que culminou pela passagem em clubes como o Vizinhança

e a própria Seleção de Brasília. Também foi essencial para a recuperação emocional após a morte da mãe, Rosa. “Eu perdi minha mãe muito novo, aos 14 anos. Isso foi um baque muito grande na minha vida. Então, eu tive uma infância em que o esporte se tornou minha âncora.”

Virada profissional

“Quando eu vi que eu não ia conseguir ser um jogador profissional, porque é um funil bem estreito, decidi fazer educação física e tentar ser professor, ser treinador”, relembra Márcio. Em 2000, ele se formou pela Universidade Católica de Brasília e já saiu empregado, no Centro Educacional Católica. Além de dar aulas para todos os níveis da educação básica, treinava as equipes competitivas da escola. O retorno ao CID,

agora como professor, ocorreu em 2007, e representou mais uma fase marcante na carreira de Márcio.

Mineiro de Belo Horizonte, Márcio Júnior veio para Brasília na infância, depois que o pai, Márcio Rocha, passou para o concurso da Secretaria de Educação, para dar aulas de ciências. “Inclusive ele foi o meu professor (na 8ª série). Foi o pior ano da minha vida”, brinca o filho, e explica o desafio: “Se eu tirasse nota alta, é porque era filho do professor. Se eu tirasse nota baixa, o filho do professor era burro”.

Anos mais tarde, veio do pai o incentivo para que Márcio participasse do concurso público da Secretaria de Educação. “Meu pai foi o meu professor e foi meu anjo, porque eu estava nessa vida de treinador e não queria fazer o concurso da secretaria. E ele

disse: ‘Faz o concurso’. A escola pública tinha aquela pecha de ser pior, de ser ruim. Mas ele insistiu tanto que eu fiz o concurso e passei. O meu mundo deu tantas voltas que hoje eu acabei assumindo a vaga no lugar onde comecei”, relata Márcio.

Hoje com 75 anos, o patriarca é aposentado e foi diagnosticado com a doença de Alzheimer. “Cuido dele com todo o carinho, porque ele foi a minha referência de educação, de formador. Tento retribuir isso e sou orgulhoso de ser professor da Secretaria de Educação e de fazer um trabalho diferenciado.”

Agora é o momento de se tornar exemplo para as próximas gerações. Este é primeiro ano em que Miguel, 14 anos, filho de Márcio, joga na equipe treinada pelo pai. “Estou muito feliz e orgulhoso”, celebra.